

M 623
C M 5.5.53
Go 8.2.61
Radio Eug. Pinto
11.4.64
RN 106

Os Novos Autores

RUBEM BRAGA

UM rapaz me trouxe contos, crônicas e poemas para ler. Estão em minha gaveta há um mês, mas quando ele telefona para saber minha impressão sou obrigado a confessar que ainda nem sequer dei uma espiada. Duas ou três vezes na minha vida consenti em dar opinião sobre inéditos alheios e sempre o fiz com sinceridade. Pensando bem, creio que se fôsse dar palpites hoje, sobre os mesmos escritos, minhas opiniões poderiam ser muito diferentes. Isso é mais um motivo para fortalecer minha aversão a esse papel de conselheiro literário, para o que nem tenho títulos nem qualquer vocação.

Acho, de resto, que o novato deve publicar. Não há nenhum país do mundo em que a carreira literária seja mais aberta que no Brasil. Temos uma imprensa copiosa (que outra cidade do mesmo tamanho, ou mesmo maior, terá mais jornais diários que o Rio?) e os jornais e revistas quase sempre são pouco exigentes na seleção de matéria literária. É muito fácil, assim, publicar um conto, um poema ou uma crônica de razoável fatura, e se o principiante tem realmente valor, isso logo será notado. É verdade que encontrar editor para o livro de um desconhecido é muito difícil, o não ser que ele pague a edição, ou que o livro — de preferência um romance — tenha um valor excepcional que o «leitor» de uma casa editora perceba. Mas a verdade é que nenhum jovem nunca terá prejuízo em meter os originais de um romance num baú por dois ou três anos para só então lê-lo e ver se vale mesmo a pena publicar. De qualquer modo, o público dos jornais é muito maior que o dos livros; e, como ia dizendo, acho que ter contato com o público é muito mais interessante e benéfico para o «novo» do que ouvir a opinião de um «nome feito» qualquer.

Mesmo que a consulta seja feita a um bom crítico literário, o valor da resposta é muito relativo. Há mais de um exemplo que nos obriga a ser humildes diante de mais fraco e duvidoso escritor de 20 anos, pois há vocações literárias, e das mais impressionantes, que só se afirmam mais tarde. E isto é um consolo para o jovem literato que se desconfiar de algum modo fracassado: desista de qualquer «carreira literária», trate de fazer sua vida em qualquer profissão e quando tiver vontade vá escrevendo suas coisas. Seu dia virá — virá, é claro, se vier... E a glória poderá encontrar o grande autor defunto, o que certamente é triste mas ainda assim não deixa de ser uma idéia consoladora.

Escrevo estas banalidades para dar uma satisfação ao moço que confiou em mim, e cujos originais continuam intocados em minha gaveta — fremepes, quem sabe, de uma estranha febre e de um insuspeitado vigor, contendo, quem sabe, a viva e profunda mensagem que obrigará esta geração a sentir e pensar outra vez a vida e o mundo; ou apenas contendo frioleiras de que o autor se recordará com tédio ou desgosto daqui a alguns anos...

8/3/67